

7

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educacao?* Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2001.

BOING, Luiz Alberto. *A escola como instituição de trabalho e de formação de professores*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2002.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Ministério da Educação, dezembro, 1996.

_____. Ministério da Educação. *Proposta de diretrizes para formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior*. Brasília, DF, 2000b. Disponível em:
<http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/curdiretriz/ed_basica/ed_basdire.doc>.

BUCKINGHAM, David. *Media Education: literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press, 2003.

_____, David. *After the Death of Childhood: growing up in the age of electronic media*. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino - Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância. Não publicado.

Assembléia Geral das Nações Unidas. *Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança*. Nov. 1989. <http://www.dhnet.org.br>

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Conselho Pleno. Parecer nº. 115, de 10 de agosto de 1999. Dispõe sobre os institutos superiores de educação. *Atos normativos*, Brasília, DF, 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/index>. >.

_____. Resolução nº. 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. *Atos normativos*, Brasília, DF, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/index>. >.

DUARTE, Rosália. *O recurso à entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Puc-Rio mimeo, 2004.

_____, Rosalia. *Criança, televisão e valores morais; o que as crianças brasileiras pensam sobre o que vêem na tevê*. Rio de Janeiro: Puc- Rio mimeo, 2004.

FONSECA, Leda Maria da. *Salas de leitura: concepções e práticas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2004.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura – as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1993.

JACQUINOT, Genevieve. *Lês jeunes et lês medias: perspectives de la recherche dans le monde*. Paris: Injep/L'Harmattan, 2002.

LANBRUNIE, Maria das Graças Lino. *Máquinas didatizadas: uma análise dos usos das tecnologias da comunicação e da informação na escola*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2004.

LEITE, Camila Rodrigues. *O grupo Nos na Fita: análise de uma prática mídia-educativa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUDKE, M. *Sobre a socialização profissional de professores*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: n 99, novembro de 1996.

_____ & ANDRE, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____, Jesus. Itinerários de investigação. In: *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michele. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

PAPELBAUM, Daniela. *Internet como espaço de aprendizagem: um perfil de estudantes de cursos on-line e suas práticas de navegação*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2005.

PERRENOUD, Philippe. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa, Dom Quixote / Instituto de Inovação Educacional, 1993.

PORTO, Tânia Maria Esperon (org.). *Redes em Construção: meios de comunicação e praticas educativas*. Araraquara: JM Editora, 2003.

RIO DE JANEIRO, Secretaria Municipal de Educação. **Salas de leitura - uma história sobre a formação de leitores na escola**. Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/sme/escolas_creches/salas.htm Acesso em 17 fev.2005

RIVOLTTELA, Pier Cesare. *Formazione multimediale, Media Education e cooperative learning: nuovi scenari professionali per gli educatore*. Paper utilizado na disciplina de pós-graduação da Puc-rio “Tópicos especiais: tendências da pesquisa em mídia-educação” Rio de Janeiro, set/2004, 13pp.

_____, Pier Cesare. *Mídia educação e pesquisa educativa*. Paper utilizado na disciplina de pós-graduação da Puc-rio “Tópicos especiais: tendências da pesquisa em mídia-educação” Rio de Janeiro, set/2004, 20pp.

_____, Pier Cesare. *Metodologia e metodi della Media Education*. Paper utilizado na disciplina de pós-graduação da Puc-rio “Tópicos especiais: tendências da pesquisa em mídia-educação” Rio de Janeiro, set/2004, 12pp.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. A Formação Continua. In: VEIGA, I. P. A. (org) *Caminhos da Profissionalização do Magistério*. Campinas: Papirus, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro:

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Departamento Geral de Ensino. *Portaria nº12/90/E0-DGE*. Rio de Janeiro, 02/05/1990.

_____. Departamento Geral de Ensino. *Portaria nº36/92/EDGE*. Rio de Janeiro, 22/09/92.

_____. Departamento Geral de Ensino. *Portaria nº37/92/EDGE*. Rio de Janeiro, 22/10/92.

_____. *Resolução SME nº560*. Rio de Janeiro, 11/01/96.

_____. *Sala de Leitura Pólo/ Núcleo de Mídia-Educação – um espaço em transformação*. Rio de Janeiro, sem data.

_____. *Redefinição das Atribuições do professor regente de sala de leitura pólo*. Rio de Janeiro, sem data, documento provisório.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TARDIF, Maurice et alli. *Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente*. Teoria e Educação, Porto Alegre, n. 4, p. 215-33, 1991.

TARDIF, Maurice, RAYMOND, Danielle. *Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério*. Educação e Sociedade, n. 73, pp. 209-244, dezembro de 2000.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação no cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

VIANA, Heraldo Marelin. *Pesquisa em educação – a observação*. Brasília: Plano Editora Ltda, 2003.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZANTEN, Agnes Van. La “reflexividad” social y sus efectos sobre la investigación cualitativa de las realidades educativas. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

www.childrenyouthandmediacentre.co.uk

www.multirio.rj.gov.br/riomidia

8
ANEXO

ANEXO I

Roteiro das entrevistas realizadas com os professores:

- 1) O que é mídia para você?
- 2) Você tem um interesse especial pelas mídias? Já trabalhava com isso antes de vir para a sala de leitura? Como era seu trabalho antes?
- 3) Você teve formação especial para este tipo de trabalho, ou seja, o trabalho com as mídias? Procurou se informar sozinha? Fez cursos? Onde? Como foi?
- 4) A SME oferece formação específica para o trabalho com mídias para os professores?
- 5) Essa formação influenciou a sua prática? Mudou em algum aspecto?
- 6) Qual é como é o trabalho realizado atualmente?
- 7) O que você acha ou gostaria que acontecesse no sentido de melhorar ainda mais essa prática? O que falta? (se é que falta alguma coisa)

Roteiro da entrevista realizada com Simone Monteiro.

- 1) Por que a SME decidiu incluir uma formação e uma prática de uso de mídias nas escolas? Como foi esse processo?
- 2) Como a SME vê as mídias? Que papel atribui a elas?
- 3) Como é o trabalho das salas de leitura pólo, ou seja, regimento, objetivos, atribuições do professor... e quais são os documentos oficiais que tratam sobre isso?
- 4) Quem são os professores que trabalham nessas salas? Como são escolhidos? É necessário ter uma formação prévia específica?
- 5) A SME oferece formação específica para o trabalho com mídias nas salas de leitura? Como isso acontece?
- 6) Você acha que o trabalho, tal como ele foi pensado, acontece em todas as salas de leitura pólo? Há lugares onde ele não acontece? O que faz com que em algumas aconteça e em outras não?
- 7) Que professores você recomendaria para que eu entrevistasse, que você considera que realizam um bom trabalho com mídias?
- 8) Quais os critérios que você utiliza para classificar um trabalho como bom? Onde estão esses professores, ou seja, quais são as escolas?

ANEXO II

Entrevista realizada com Simone Monteiro, diretora da Divisão de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, no dia 10/06/05.

L - Você vai me indicar 10 escolas, mas pra indicar essas 10, o que você está considerando como um bom trabalho?

S – Isso. São aqueles que mais se destacam nessa apropriação, cada um desses aqui vai ta num nível, não tem um padrão único de desempenho desse professor e nem de processo de trabalho não. São os professores que estão há mais tempo, que participaram da maior parte dos cursos e que desenvolvem práticas como essa que eu te falei. Que tão mostrando por aí nos encontros, seminários, tão trazendo pra gente. Esse é o meu referencial. Porque eu tenho professores que estão nas pólos... eu tenho um problema especial neste momento que é diretamente ligado a essa nossa discussão aqui, que é muita gente de licença, muita gente fora de sala de leitura porque ta saindo pra assumir outra função. A Ângela por exemplo uma pessoa maravilhosa pra você entrevistar, mas ela ta saindo. Ela já foi indicada e já foi aprovada a indicação dela pra ser diretora adjunta. Não adianta você entrevistar.

L – Eu tava me lembrando aqui que no dia que eu vim, você falou de um levantamento que vocês tavam fazendo de quantos professores estavam efetivamente em sala de leitura.

S – Censo.

L – É. Aí eu andei pensando aqui, se são cinco em cada uma, falando só das pólos você teria que ter 150 professores. Você tem?

S – Não tem.

L – Quantos você tem? Você tem esse número?

S – Tenho... não tenho aqui de cabeça agora não. Isso ta mudando muito rápido. O dado que eu tenho do censo, último censo que a base é até 2004, eu tenho... Souza, vê pra mim aquela tabela do censo?? (Pede a um colega que verifique se eles tem a tabela para imprimir. Esse rapaz ficou no computador imprimindo várias coisas, mas o dado que eu queria, que era o número de professores, ele não conseguiu.)

L – Mas existe no momento alguma sala de leitura pólo sem professor?

S – Não. Todas têm pelo menos um. Não tem nenhuma fechada, todas têm pelo menos um. Agora, quando ta com um, aí o trabalho ta praticamente parado. Quer dizer, ta muito capenga porque é uma pra fazer tudo pra escola e pra fazer reunião com as outras, entendeu? Pra fazer todo o desdobramento do trabalho. E aí essas, eu não to nem considerando aqui nesse contexto agora. Tem uma na 4 CRE que tem... uma menina aposentou, a outra ta de licença sem previsão de alta porque ta com uma doença grave, a outra é... saiu pra ter neném e tem uma funcionando, que só tinha quatro. (se referindo às professoras)

L – Isso numa pólo?

S – Numa pólo. Então esse momento ta um momento muito ruim de estrutura de trabalho nosso e não é só na sala pólo. É geral, que a gente ta enfrentando um quadro, uma dificuldade de rotação de professor muito grande. A rede cresce de uma forma muito rápida e aí fez-se concursos, chamaram vários professores mas ainda tem falta de professores, né? E aí é assim, eu to fazendo um levantamento agora de professores... esse levantamento algumas CRÊs já me mandaram retorno. Então, eu tenho uma CRE por exemplo, que é a 2 CRE, da zona sul, Jardim Botânico, é... pega desde Tijuca até Ipanema, Copacabana. Eu tenho uma pólo nessa CRE que tem 37 escolas ligadas a ela. Dessas 37, ela só tem 10 com professor. E dessas 10 que têm professor, ela tem 6 ou 7 que eu não me lembro agora, que estão em sala de aula direto substituindo professor regente que não existe na escola. Então como o aluno não pode voltar pra casa, a sala de leitura assume essa turma.

L – Então na verdade você tem 3 salas de leitura funcionando?

S – Nesse pólo sim. Nesse pólo. Numa CRE que eu tenho 140 escolas mais ou menos, se um pólo que tem 37 escolas, tem 5 funcionando, você imagina... e é umas das CREs que eu tenho maior falta de professor, 2 CRE, maior índice de falta, uma das que têm mais índice de falta.

L – Então, com relação à sala de leitura pólo, mesmo com um professor, tem pelo menos um. De sala de leitura, quando não tem, não tem nenhum?

S – Exatamente. Não tem nenhum. E aí o trabalho literalmente ta parado. O que acontece dependendo do momento que a escola ta, dependendo da equipe que a escola tem e da semente que ficou do trabalho é disponibilizar o acervo. Aí o professor regente vai à sala de leitura, a sala é aberta pra ele usar com os alunos, mas não tem o professor de sala de leitura. E isso é muito ruim, isso ta sendo motivo de angústia.

L – Nas salas de leitura satélites têm um professor só?

S – Infelizmente.

L – Então ta. Sala pólo 5, sala de leitura normal, 1.

S – Já foi o contrário. Já foi o contrário não, já foi assim: o pólo era o quantitativo da satélite. A satélite tinha 5 professores e o pólo tinha 5 professores e um coordenador. Aí isso historicamente foi perdendo porque foi faltando professor e foi diminuindo. Foi mudando, mudando... hoje, qual é o nosso ideal, nosso sonho de consumo? É ter pelo menos 2 professores na sala de leitura satélite. Aí a gente já conseguiu alguns acordos, que tão assim num plano político porque é uma questão da gestão né? Da rede, de administração de quadro de pessoal e etc... que é nas escolas por exemplo que têm laboratório de informática, então esse professor de sala de leitura teria prioridade, já que eu não posso dar pra todo mundo, então algumas teriam prioridade: escolas com mais de 1000 alunos e escolas que têm laboratório de informática, que aí exigiria a permanência desse

professor o dia inteiro pra ele ser parceiro dos outros na hora de usar esse espaço, de fazer trabalhos, de desenvolver projetos, entendeu? Então, isso é discussão de pauta, politicamente aceita, todo mundo concorda, mas não tem como garantir porque não tem professor pra dar aula, como é que eu vou botar professor pra fazer projeto? Então, é uma decisão política que a gente tá acompanhando o desenrolar dela porque além de tudo ela não se resolve nesse departamento. A gente trata da questão do trabalho pedagógico, mas a política de recursos humanos da rede é outro departamento literalmente, entendeu? Então, hoje a gente vive um momento bem complicado de falta de professor e todos os projetos da rede sofrem as conseqüências disso. Não é só a sala de leitura. Núcleos de arte, pólos de educação pelo trabalho, clube escolar, pólos de ciência e matemática, são todos projetos setORIZADOS que sofrem, dependendo da região a conseqüência direta dessa falta. Agora, as pólos a gente tem um compromisso de minimamente não fechar a porta porque é pólo. Então a gente tenta ao máximo garantir que isso não aconteça. Então dessas escolas eu tenho muito professor que é novo na sala pólo, então não tem ainda nem uma experiência do perfil do trabalho pra dizer assim, ele já tá ou não tá, porque ele tá começando, tá se apropriando, tá vendo o que que é, o que que ele faz com aquele monte de acervo, de fita, de livro, de cd, de vídeo, e tudo, entendeu? O que que ele faz pra compor acervo? Tem escola que a sala de leitura foi invadida, infestada por cupim, teve um rompimento da tubulação, alagou tudo, ela perdeu acervo de fita, então começa tudo de novo... Todo esse trabalho... tem de tudo. 1054 escolas, você imagina o que? E cada escola, cada região tem uma situação, então a rede pública é uma rede imensa, né? 1054 escolas, fora as creches que são trezentas e poucas já, eu acho. 200 ou 300 e poucas. E cada uma numa região. Você tem escola na beira do asfalto na zona sul, na beira da praia e você tem escola na zona oeste da cidade, passando boi, vaca, na porta da escola. O leiteiro ainda passa naquela carrocinha vendendo leite naqueles garrafões. Santa Cruz, Paciência, aquelas regiões pra lá você tem isso. Tem escola dentro da restinga de Marambaia, que o quintal da escola já é a praia, a areia da praia, e aí você dá aula assim, abre a janela pousa um passarinho... tem escola dentro do forte de Copacabana e tem escola dentro da Rocinha, dentro do morro aqui do Borel, no complexo do Alemão, na favela da Maré, comunidade da Maré... você tem de tudo! Então, isso também interfere porque tem escola que, por exemplo, visita à Bienal, tem escola que quando foi agendada a visita ela não

pode ir porque tinha ordem pra ter fechado a escola. E você não pode botar a vida do professor e dos alunos em risco, entendeu? Então você tem que conviver com o drama da cidade do Rio de Janeiro e isso além da estrutura mesmo da rede que é flutuante. Então você imagina... tudo é possível na rede. Agora, tem muita coisa boa acontecendo também. Então é em cima dessas coisas boas que a gente vai movendo o nosso trabalho.

Pra juntar 10 aqui eu vou ter que dar uma olhada... (se referindo à lista de professores que ela ia me dar para as entrevistas.)

L – Como é que foi o processo da secretaria de incluir uma formação e uma prática de uso das mídias nas escolas?

S – Isso eu vou te dar, está bem colocado aqui nesse texto (mostra a documentação que rege as salas de leitura.) Mas acontece assim: tudo começou de fato, se a gente pensar num trabalho mais amplo, considerando o livro como uma mídia, e a tv e o vídeo como uma dimensão de uso mais comum, isso já vem acontecendo a bastante tempo. Mas em termos de preocupação curricular, em termos de uma formação, em termos de processo de trabalho, de desenvolvimento de metodologia, a rede começou a focalizar essa temática a partir de 96, quer dizer a partir de 96 foi com a multirio com o currículo multieducação. Na verdade, 96 não é... foi um marco importante do trabalho porque isso virou discurso oficial com a publicação do currículo multieducação, que é esse que eu falei que tá disponível na internet. Então, esse livrão traduziu pela primeira vez num discurso oficial a prática que já vinha sendo discutida nas escolas. Então assim, em termos de histórico da rede, eu não vou te dizer exatamente todas as datas porque eu não sei aqui agora. Mas assim, o que a gente tem mais forte em termos de lembrança é que quando a gente começou a trabalhar em 1985 com as salas de leitura pólo, o projeto de sala de leitura na verdade, se começou a pensar em termos de uma educação, de uma formação de leitores que tivessem um diálogo com outras possibilidades de leitura pra além do livro, mas não havia ainda uma experiência acumulada, uma discussão teórica, era apenas uma proposição porque estava se criando um trabalho que tinha como pressuposto ser um pólo cultural dentro da escola. Então era pra além de emprestar livros, ter atividades que envolvessem

cinema, vídeo, teatro e outras linguagens. Então, começou por aí. E aí, as salas de leitura foram instaladas a princípio só nos cieps porque era um programa especial de educação e isso de lá pra cá foi começando a ganhar outros significados na medida em que a gente foi se apropriando disso também. Fora do campo de sala de leitura a gente também teve outras iniciativas na rede que datam mais ou menos dessa época: 88, 89, uma delas foi o PROINFO, que é o programa de informática do MEC, que aí a Secretaria fez a parceria, começou a instalar laboratório nas escolas... Uma outra iniciativa que é um pouquinho posterior, mas eu também não sei direito o ano pra te dizer, foi dos pólos de educação pelo trabalho, que tinha uma proposta, tem uma proposta de oficinas voltadas a várias áreas de atuação profissional, dentre elas tinha oficinas de vídeo, oficinas de informática, enfim, trabalhando também com as mídias, mas num outro foco, não era na formação do leitor, mas de se apropriar dessas mídias com um parâmetro assim, um referencial de apropriação de processo de produção de trabalho. Então, cada projeto desse foi semeando aí na rede uma sementinha ligada a esse terreno de trabalho, esse campo de trabalho. Os núcleos de arte, por exemplo, entraram com um força muito grande na linguagem de animação, nas produções de vídeo, com um enfoque da arte. Então, vê, cada um tem um tipo de vinculação com o currículo, mas todos acabam incorporando de alguma maneira o uso das mídias. Aí, em 96 isso se tornou um discurso oficial. Uma prática que o currículo da escola como um todo, independente de ter sala de leitura, projeto tal ou não, mas seria uma tarefa da rede pensar numa escola que tivesse um trabalho que contemplasse diferentes linguagens. Não tinha ainda essa nomenclatura “mídia-educação”, vinha como diferentes linguagens. E de lá pra cá é que a coisa foi se consolidando. Então assim, em 92, antes do currículo oficial e até por causa disso, também isso ganhou força no discurso oficial, as salas de leitura começaram a se organizar em salas pólo e satélites. A partir de 92. Foram implantados um número, acho que 14, 12, depois 14, até chegar as 30, que é o que a gente tem até hoje. E aí essas salas de leitura pólo tinham como pressuposto é... servir como estrutura de desdobramento do nosso trabalho aqui nas salas de leitura, sempre com essa perspectiva de formar o leitor que lê os diferentes tipos de texto, diferentes suportes textuais. E o livro, a literatura, obviamente, até porque é uma questão cultural e histórica da escola é o nosso ponto de partida, nosso referencial primeiro. Mas sempre nessa perspectiva do diálogo da literatura e do livro com

outros suportes e outras linguagens. E aí, esses pólos tiveram também uma implantação gradativa, isso tudo você vai ver naquele documento que eu te dei. A cada ano, a publicação de cada passo desse aí, você vai ter esse referencial. É, cada pólo sediaria também um núcleo de mídia. Foi aí que a palavra mídia apareceu no contexto de trabalho da rede. Então, um núcleo de mídia que tinha o que, naquela época, isso 92 até 96 mais ou menos, televisão e vídeo, aparelho de som com cd, computador, um laboratóriozinho de informática com 10 máquinas, impressora, scanner... é scanner não, mas impressora e computador, máquina filmadora, que era umas VHS, algumas pequeninhas, outras semi profissionais, porque isso foi de acordo com o momento, com a verba de trabalho disponível, a possibilidade do momento e câmera fotográfica. Era o kit básico de um núcleo de mídia. E aí começou a se desenvolver uma série de ações de formação também, parcerias com CEFET pra formação de informática, parceria com universidades pra formação em vídeo, parcerias com Ongs, várias parcerias foram se desenvolvendo pra formar esses professores, pra eles se apropriarem também da dimensão técnica, da dimensão, da, da, da possibilidade mesmo do uso dos equipamentos, pra se apropriar da linguagem. Agora, uma coisa assim, o tempo todo se tinha claro que a gente não queria que fosse uma coisa utilitária, a mídia como uma ferramenta pra ajudar, um apoio pra aula, tornar a aula mais interessante, embora a gente sabe que muitos professores ainda têm essa concepção porque isso aí é um processo de formação maior né? E muitos professores que não estão nesses projetos, regentes e tal, que não têm essa formação, que não participam desse fórum de discussão, também vão ter ainda essa dimensão da mídia como uma ferramenta, uma coisa utilitária.

L – Mas para vocês aqui na Secretaria, então, como é que você definiria esse papel da mídia?

S – Bom, o papel da mídia?

L – É. Qual é a importância que vocês atribuem à mídia?

S – Eu acho que a mídia, como a gente disse lá no nosso texto que vai ser publicado, a mídia, ela tem que estar na escola porque está fora dela. E se a escola

se propõe, a nossa escola, na sua proposta curricular, se propõe a estar sintonizada com o mundo e com... é, de alguma maneira, com... as questões que perpassam aí o cotidiano desses alunos e desses professores, a mídia é uma dessas questões, a gente ta entendendo a mídia como uma dimensão. Ela muda relações de tempo e de espaço, ela aproxima pessoas, ela divulga idéias, ela tem várias funções, vários usos e várias influências no cotidiano das pessoas. Então, a gente da partindo desse pressuposto que a escola tem que se apropriar disso, precisa se apropriar e ter algum tipo de diálogo, e é isso que é o desafio da gente aqui hoje, é pensar que tipo de diálogo é esse que a escola estabelece com a mídia, né, de uma forma geral porque a gente ta entendendo que isso é parte da formação desses sujeitos, né?

L – A outra pergunta era sobre os documentos que tratam de regimento e atribuições de sala de leitura, mas isso você já falou e acho que está tudo nesse livro que você me deu, né?

S – Sim. Ta tudo aí. A gente tem uma resolução nova de sala de leitura que contempla e atualiza essas atribuições, a questão das linguagens (fomos interrompidos para ela atender um telefonema)...

L – Como os professores são escolhidos pra trabalhar nas salas de leitura?

S – Indicação da direção da escola. A gente dá orientações aqui do perfil que ele tem que ter pro trabalho, perfil ligado a ter disponibilidade de horário, a se dispor a fazer um trabalho que incorpore o uso de diferentes mídias, ser um professor leitor. E aí você vai ver nos documentos que a gente tem, tem mais ou menos esse perfil determinado. Esse perfil foi construído ao longo desse tempo, discutido com eles também, porque tudo que a gente faz aqui desde 2001 que eu to aqui, a gente faz discutindo com o próprio, dentro do GT. A gente tem um GT, chamado GT Mídia, que é onde a gente se reúne com esses professores mensalmente.

L – Aí, a escola indica esse professor e vocês vão e convidam o professor?

S – Não. A escola indica e aí ele faz uma entrevista com a coordenadoria regional, e aí ela vai ver se ele ta dentro do perfil, se ele atende aqueles requisitos, quais são

as propostas que ele tem pra esse trabalho. Explica o trabalho como funciona, porque tem muito professor que às vezes é indicado, chega lá e fala assim: “Ué, mas eu não tenho só que cuidar dos livros não? Emprestar e cuidar do acervo?” Não! Você tem que fazer uma outra dinâmica. E têm muitos que até no ato da entrevista dizem, verificam que não é a praia dele. Ele pensou que é uma coisa e é outra e aí ele não aceita o convite ou não é indicado pra função.

L – Então ele pode recusar.

S – Pode recusar.

L – E aí não tem que ter nenhuma formação prévia?

S – Não, prévia não, nenhuma. A questão é que a gente vê mais ou menos o perfil dele como professor da rede e aí começa a investir nessa formação. Aí ele começa automaticamente a participar dos cursos, a ser convidado a..., tanto os cursos que a gente oferece aqui, como a CRE oferece também, como a multirio oferece também. Então, ele tem aí um leque de possibilidades.

L – Então depois que ele vai pra sala de leitura é que vem essa formação?

S – Isso. Porque uma das atribuições da sala, do professor de sala de leitura é se dispor a participar desses cursos. Esses cursos são sempre dentro do horário de trabalho dele. Um ou outro é que às vezes é fora porque depende de parceria. Às vezes é uma parceria com uma universidade, só pode à noite. A gente tá com uma parceria com a UERJ, que eles oferecem os encontros à noite. Não tem outra possibilidade. Então, a gente convida, o professor vai se ele tiver disponibilidade. Esse aí não é uma coisa “ele tem que” tá? Agora, os que ele “tem que” são dentro do horário de trabalho. Ele sai da escola e vem fazer o curso onde for. E aí, ele vai se atualizando e se formando nesse processo.

L – E você acha que o trabalho assim como ele foi pensado, através dos documentos e das idéias de vocês aqui pras salas de leitura pólo, vem acontecendo?

S – Vem.

L – Você diria que sim?

S – Sim. Não na totalidade, mas muita coisa vem acontecendo. Até mais do que a gente pensava porque assim, diante de tantas dificuldades, quando a gente vê por exemplo um encontro como esse que eu te falei, né? Eu mandei o pessoal da equipe pra ir lá no encontro porque eu não pude ir, mas eles mandaram pra mim um monte de coisa, os trabalhos, as coisas todas... e esse pessoal daqui tava lá, vendo relato, vendo a coisa acontecendo. Aí, você vê que de fato tem uma trajetória aí já em alguns contextos bem consolidada. Agora, é aperfeiçoar, é afinar algumas coisas aqui, ali... porque quando você fala de informática por exemplo. Que que é informática educativa? Tem mil e uma concepções aí em jogo. Em geral, as pessoas já se apropriaram de um discurso de que a informática também é mais uma linguagem, não é uma ferramenta e tal... mas em algumas práticas você ainda vê essa coisa do professor elabora, o aluno senta no computador e vai executar, só, e pronto. Não é uma coisa de apropriação, do aluno também interagir, do aluno também criar, do aluno também produzir. Em algumas práticas isso ainda é necessário. Mas a gente já tem muitos professores que, desse grupo que eu te falei por exemplo, que são os mais antigos, que já têm uma trajetória, que vêm participando de um movimento que tá até maior do que a gente pode imaginar, criando grupos de estudo, criando reuniões pra trocar idéias, se comunicando em fóruns online... Esses professores, a gente acha que são os grandes pioneiros desse trabalho e são com eles que a gente conta para, é com eles que a gente conta pra multiplicar isso na rede. Então, eles acabam sendo convidados pra fazer curso pros colegas, pra fazer relatos de experiência e pra desenvolver essa prática na escola. O tempo todo a gente quer enfatizar o seguinte: esse trabalho não pode ser um trabalho personalizado, só acontece enquanto fula tá na escola. Ele tem que sair da escola e a coisa continuar acontecendo lá, com os regentes, com os alunos.... por isso a gente tá investindo mais fortemente a partir de agora na monitoria, que é o aluno poder entrar no laboratório e fazer o seu trabalho ou então fazer uma oficina com os colegas. A gente tem essa professora Beth, da escola Leonel por exemplo, os alunos monitores dela na área de informática, eles fazem oficina pros pais aos sábados na

escola, fazem oficina pros colegas das outras turmas. Você tem alunos já produzindo animação, produzindo vídeo, e eles fazem o roteiro. Programas de rádio, eles fazem a pauta, fazem reunião... aí é lógico, tem um trabalho por trás, que isso não se dá assim por um acaso. Agora tem muita escola que ta começando também a se apropriar disso a sua forma, então a genet vai é nesse movimento contínuo de troca de experiência.

Conversa inicial com Simone Monteiro, na DME, dia 25/05/05

S. Ai Livia, a gente tem uma proposta curricular que e de 90 – 96. Começou a ser discutida em 93 e tal e ai em 96 foi publicada. 10 anos depois, agora que a gente ta em 2005 a gente ta atualizando esse currículo. Então você vai ver e um livrão enorme parece um ??? desse livrão agora ta saindo cada fascículos assim, separadinhos, pequenininhos, cada um com um tema e tem um desse que e sobre Sala de Leitura que a gente escreveu que não tinha no currículo anterior também.

L. Esse eu já vou pegar ne?

S. Esse você já vai pegar porque foi distribuído para rede. A gente ainda não recebeu aqui, a gráfica ta mandando ??? Ai quando vier o nosso eu vou separar um pra você. Ai ali tem toda, todo trabalho de S.L. E um fascículo que ta com muita ênfase na questão da leitura e da formação do leitor embora a gente tenha como pressuposto do trabalho a formação do leitor em diferentes linguagens, em diferentes tipos de texto. E o trabalho com livro articulado com as outras mídias. Pra gente o livro também e uma mídia, ne? E ai, o que acontece? Esse trabalho e..., ta mais focado na literatura, na formação do leitor, embora ele aponte para essas ligações, porque tem um outro fascículo que vai ser mídia-educacao que complementa. Então os 2 fascículos vão se complementar, entendeu?

L. Entendi.

Pausa para ela atender um telefonema. Varias vezes fomos interrompidas por pessoas que queriam tirar duvidas e ate mesmo por uma moca oferecendo coisas

de ouro para vender (brincos, pulseiras ...). Esse telefonema durou aproximadamente 3'10".

S. E uma entrevista que eles querem fazer ... (explicando o telefonema).

L. Deixa eu te perguntar uma coisa: esse fascículo sobre mídia-Ed. eu também vou pegar, ne?

S. Vai, vai, eu vou te mostrar o currículo original esse, a gente, eu vou te mostrar porque ele ta disponível na pagina da SME. Então aqui eu vou mostrar para você (e foi para o computador). Na pagina da secretaria você vai achar o currículo atual e ele tem... acho que e um link para fazer download. (estava tentando mostrar a pagina no computador)

Aqui, essa aqui não vale porque e intranet você nunca vai poder ver essa pagina. Ah, aqui, esse e o currículo... (uma moca entra trazendo o "livrão").

L. Ah, sei!

S. Não e? E esse que ta aqui na pagina (digita e entra). Pagina da internet da SME. Ai aqui oh "destaques". Você vai ... essa pagina que você já tinha acessado.

L. Ta.

S. Multi-educacao. Ai aqui tem um ..., ta vendo?

Esse livrão ai ta aqui em 3 partes.

L. Ta.

S. E ai, se você tiver interesse vai olhar aqui, você vai consultava, tudo bem. Eu não preciso te dar um desse, agora, esse livrinho fininho e que não ta aqui ainda porque ele ainda ta sendo publicado, ele, na verdade a gente ta publicando e entregando `as escolas, mas ele vai ter um lançamento oficial que deve ser em junho ou agosto.

L. Ta.

S. E ai, depois disso e que vai, deve ir pra pagina. Mas ele já ta autorizado a divulgação. Então, o da sala de leitura eu já posso ate te dar.

L. Ta.

S. O de mídia e que ainda ta no forno, então não pode ser divulgado ainda. Mas deve ser nos próximos dias, entendeu? Ele e super... eu ate to com vontade de dar uma copia pra Rosalia, pra Rosalia dar uma olhada, assim como quem não quer nada dar uns pitacos ne? Porque a gente teve uns consultores internos e tem a Multirio também que ta dando uma lida.

L. E, porque ele que vai ser importante para mim...

S. E ai você vai juntar uma coisa com a outra. Entendeu? Como e que a S. L, porque o trabalho com mídia, a gente não quis colocar atrelado so a SL porque antes era assim, só a SL e que tinha toda a formação, todo o trabalho voltado para mídia. Isso continua. Elas fazem cursos, ai curso de fotografia, de radio, jornal, de literatura, e internet, livro eletrônico.

L. E esses cursos todos são feitos pela Multi-Rio ou não?

S. Não. Alguns pela Multi-Rio, alguns são feitos aqui – algumas pessoas da equipe dão cursos, e outros são contratados. Por exemplo: elas tem um curso de animação com o pessoal do Anima Mundi. Então, César Coelho... que e o pessoal que ta lá na PUC tem uma parceria aqui com a secretaria que e bem antiga e eles fazem formação. Já tão ate num modulo bem avançado.

Então tem varias partes esses cursos. E ai, o que acontece? Continua, elas continuam sendo um publico privilegiado porque ele ta na escola pra dinamizar isso. Mas a gente ta querendo justamente ampliar isso pra sala de aula também. Porque o professor tem que se apropriar disso. Qualquer professor. Então a gente quer ate colocar o fascículo de mídia separado do de S.L pra caracterizar isso. Que

e uma coisa que ta pra toda a rede, embora elas continuem sendo uma das portas de entrada da mídia na escola, e do trabalho com mídia na escola, entendeu?

L. Huhu

S. E essa discussão mesmo da mídia como ... mídia-educacao ela não e tão antiga assim na rede. Ela tinha um viés, mas que hoje ta muito mais ampliado. Então na época passava muito pela coisa de usar o vídeo na escola, usar o radio, era, era ... era uma coisa mesmo de apropriação ne? Que você vai, a gente começou por ai, então,...

L. Mais isso mais ou menos quando? 95?

S. 90 e?, não. Em 85 elas começaram a existir, em 92 e que a coisa começou a ganhar peso, 92. E ai, criaram as salas Pólo. As SL Pólo existem desde 92 e elas começaram com a proposta de cada sala de leitura Pólo ter um núcleo de mídia. Então, era equipamento de áudio e de vídeo, ne? Informática, pra que elas fizessem esses..., desenvolvessem projetos que usassem essas linguagens.

L. Todas tem realmente o equipamento?

S. As 30 Pólos. Ai, começamos com 8, ai depois 14, depois as 30. As 30 tinham núcleo de mídia. Que, que aconteceu? De lá pra cá, o que a gente percebe e o seguinte: eles tem que ta sempre dando um gás nesse trabalho. Porque os computadores delas, por exemplo: são os computadores mais velhos da rede. São os mais antigos. Na época, a secretaria tinha uma política de comprar e não de fazer leasing. Então, comprou, acabou a garantia? Fica lá. Não tem manutenção, a não ser que a escola pague, a não ser que a gente pague, entendeu? Maquina de filmar: ainda são aquelas antigas, maiores, nao e ainda digital, nem todas tem digital. DVD a gente ta comprando, maquina fotográfica digital a gente ta começando a comprar, que você tem que ter e atualizar o equipamento tambem. Então agora elas tem um laboratório mais novo, que a gente conseguiu renovar os laboratórios.

L. Mas vocês conseguiram renovar das 30?

S. Das 30 pólos. Ai tem 260 escolas com laboratório novo agora na rede. Entendeu? Alem das 30, dentro dessas 260, as 30 pólos. Tudo vai sempre para 30 pólos, que a pólo e a nossa estrutura de desdobramento pras outras escolas. Então cada pólo tem 30, 38 escolas ligadas a ela. São 30, ai da umas mil e poucas satélite que tão ligadas a cada pólo. Ai elas fazem um curso, que a gente da aqui alguns cursos. Elas fazem oficina de repasse, multiplicam aqui, fazem projetos ai envolvem as outras escolas nesses projetos. Os computadores, os equipamentos delas a gente empresta pras outras escolas usarem. Então e uma referencia. E uma escola que seria referencia do trabalho. Isso e uma coisa muito bacana, assim no papel e muito fácil, mas na pratica e muito complicado, ne? E um trabalho cotidiano, porque elas são 5 em geral, quando a escola não ta com falta de professor. 5 pessoas pra fazer o trabalho.

L. 5 pessoas responsáveis pela S.L?

S. Pelo pólo e. E ai, o que acontece? Elas também tem que dar atenção a escola que elas estão. Entendeu? No trabalho de leitura. (Verificar 11'30)

Então você tem que contar também com a gestão da escola. O diretor tem que estar sensível que aquelas professoras são da escola, mas também são de outras escolas, elas também tem que dar atendimento a outros professores, tem problemas de gestão. E um trabalho de fazer cabeça o tempo todo, discutir. Ai a gente faz mostra de trabalhos, faz eventos pra elas mostrarem os projetos delas, entendeu?

L. São professores normais?

S. Professores normais, concursados para o ensino fundamental.

L. E elas são deslocadas da sala de aula para a sala de leitura?

S. Para essa função, e. Assumem uma outra função.

L. São responsáveis só pela sala de leitura?

S. Só pela sala de leitura.

L. E elas se dispõem a ir ou a secretaria que desloca?

S. Não. Elas se colocam a disposição para fazer o trabalho. A gente explica qual e o trabalho, mas elas... as pessoas já conhecem. As vezes tem ate uma distorção, elas acham que e uma coisa e e outra. 'Ah! Vou pra lá pra ficar na biblioteca!' E acha que vai ficar lá emprestando livrinho e tal ou então botando uma fitinha da Multi-Rio. E acha que e só isso. E hoje, a gente ta mudando exatamente essa concepção: que que e trabalhar com mídia na escola? Que que e formar o leitor que lê esses diferentes tipos de texto? Essa discussão ta ganhando mais forca. Ai elas percebem que e um negocio mais...tem que fazer cursos tem que procurar correr atrás. E ai, a gente da cursos, a gente

L. Então assim, tem algum preconceito dos professores falarem "ah não quero trabalhar na SL porque tinham essa visão?"

S. Não, e o contrario.O professor que fica na sala de aula e que tem o preconceito com professor de SL, que acha que ele, e, fica no bem bom. Ele não ta com uma turma de 30, 40. Ele faz projetos, ele atende os alunos, mas eles também tem horário pra sair da escola pra fazer curso, então ele seria um professor privilegiado em relação a ele que ta na sala de aula. Ou então, você chega o professor que e, não faz nada na escola porque ele faz tudo e não faz nada ne? Porque ele não tem turma, então a vida dele e ou vídeo, passar vídeo, e, e uma concepção restrita. Então o preconceito e mais de lá pra cá do que da SL com ela mesma. As vezes ate o professor quer. Agora hoje o professor tem fugido um pouco sa SL, por que? Pela falta de professor, porque quando falta um professor na escola, e o professor de SL junto com alguns outros, mas ele de cara e o primeiro a ser chamado a substituir o professor que ta faltando.

L. Ai ele e obrigado a ir?

S. Ai ele tem que ir para sala de aula. Ai e obrigado por uma questão funcional, que a gente aqui se debate com isso o tempo todo, mas ...

L. E ai o trabalho da S.L. para?

S. Para. Para. Em muitos casos ele consegue conviver, mas... ele faz o trabalho dele... Por exemplo: o professor vai tirar 3 dias porque ta fazendo prova no mestrado e tem uma licença que ele tira pra fazer prova. Ele vai substituir a turma dele. Então ele vai pra fazer o trabalho de S.L. naquela turma 3 dias. Até 3 dias tudo bem. Agora quando o professor ta 1 mês doente? Não tem como ele ficar fazendo trabalho só de S.L. vai ter que dar aula mesmo.

L. Então, o trabalho e interrompido com uma certa frequência?

S. E, e interrompido com uma certa frequência. Atualmente a coisa ta muito critica. A gente ta fazendo de tudo para segurar o professor. Muitos bons professores que a gente investiu, fez curso, pagou curso, fez um monte de coisa, acaba desistindo e quer ir embora.

L. Ai ele pede para ir embora, como assim: vai embora para onde?

S. Pra sala de aula.

L. Ele quer voltar pra sala de aula. E isso e possível, tem turma?

S. Tem. Tem. E o que mais tem (risos). Faltando ... As vezes não na mesma escola dele, mas ele vai pra outra escola e vai pegar uma turma. Muitos tão fazendo isso e a gente tem um numero, eu to fazendo agora um levantamento de quantos professores estão realmente nas S.L. Tem aqueles que tão de licença trabalho, fica doente, tem problema, as vezes tira licença vencimento, viaja para outro Estado pra acompanhar marido. Ai tudo isso tem licença, ne?

L. E ai, o professor de SL não tem substituição, ne?

S. Não, não.

L. Ele já e substituto de outro?

S. E. Só o regente. Isso e só pro regente. Então assim, e um trabalho que e dúbio porque você o tempo todo ta lidando com essa angustia do professor. Agora tem aqueles que tão numa escola que tem os mesmos problemas, mas que o diretor de alguma forma consegue, e ... segurar a situação. Então, ele, por exemplo, faltou uma turma, invés dele chamar a SL para pegar aquela turma, ele divide aquela turma entre as demais. Então o professor de SL e poupado porque ele reconhece que ele faz um trabalho que e necessário a escola. Então tem professor que passa imune a isso tudo e ta assim ha 15 anos na SL e ta fazendo o trabalho dele e nunca foi pra turma substituir ninguém, entendeu? Então, como a rede e muito grande a gente tem de A a Z, tem todas as situações possíveis e imagináveis. E ai, a gente aqui faz o que? A gente trabalha com quem ta. A gente trabalha com as 30 pólos se ela tiver com 1 pessoa ou com 5 a gente trabalha com ela. O que a gente tem aqui orientado e que eu não tenho o mesmo nível de exigência de uma escola que ta com um professor para uma que ta com 5. Então, se eu peço um quadro e ela me atrasa o quadro, e lógico que eu não vou criar nenhuma situação, mandar e-mail, perguntar a diretora cadê meu quadro, eu não crio nenhuma tensão porque eu já fui SL e eu sei o que e isso. Então, elas tem uma relação muito direta com a gente e isso e um ponto que facilita. E as vezes ate por causa disso tudo elas cumprem todos os prazos, por essa relação bem próxima. Então, a gente vai trabalhando dessa maneira, valorizando, mostrando, destacando o trabalho, aqui, ali, botando holofote onde ta dando certo porque e isso que da um gás pro trabalho não morrer e ficar... sobreviver a essa crise, porque e um momento de crise ne, como outros que a gente já teve em outros anos. Então, assim, elas sabem que a gente começou em 85 com a..., o auge ne? Era a menina dos olhos da secretaria, era tudo, e de repente foi caindo porque outras questões foram se colocando. Agora, dentro dessas crises todas tem uma coisa que se mantém que e esse trabalho de valorização, de ta investindo na formação, ne? Então a gente ta o tempo todo querendo ver alguma coisa. Agora, o nosso sonho de consumo e fazer um curso de extensão para elas na PUC. Eu já falei com a Rosalia. Rosalia, desenha ai um projeto.

L. E. Ate tem agora um novo que começa no ano que vem.

S. E, isso. Então, você faz ai um projeto, que eu vou submeter lá, que aqui e assim, o orçamento aqui e de um ano pro outro. Então pra eu fazer no ano que vem, no meio desse ano eu tenho que pedir o dinheiro. Então, já tem que ver a carga horária. Eu quero ou um curso de extensão porque pós já vai ser muita coisa, não vão autorizar tão cedo. Mas um curso de extensão da. A gente faz uma extensão em mídia-educacao. Uma parte mais teórica, mais conceitual, porque essa parte pratica e a mais cara, mas de alguma maneira a gente tem como suprir isso também, então isso da conta. O negocio e o professor ter uma reflexão mais consistente dessa pratica dele e refletir sobre essa pratica de uma forma mais... que e esse o projeto que a gente ta hoje. Primeiro começou aquele boom, ne? Ai, trabalhar com mídia na escola e o que? Ah, e levar a televisão para sala de aula, e botar vídeo. Ai, disso dai e que a gente vai começando.

Ai, veio a cúpula de mídia, ai a gente começou a mobilizar os professores mais ainda. Então, e esse processo de apropriação que a gente quer cada vez aprofundar mais pra ter uma pratica mais consistente. Ai, a gente investindo nesse professor, a gente ta acreditando que ele vai ser uma porta de entrada da escola pra que a escola se aproprie dessa discussão. Ai, no projeto da escola, a mídia esteja, ne, inserida como parte do trabalho e não como uma, um penduricalho que ta ali, ah, a gente tem que fazer esse trabalho com mídia, porque e bonitinho, e moderno. Não e isso que a gente quer, embora isso aconteça. Então, a gente ta no meio do caminho desse processo.

L. Embora essa visão de videozinho ainda permaneça.

S. E, e. Ta no senso comum, ne? Da pratica pedagógica, da historia da educação, e e uma coisa muito recente na educação, ne? Trabalhar com mídia na educação. Relacionar mídia e educação, não fazer uma coisa só ferramenta. Essa perspectiva e uma coisa... não e tão, não ta já enraizada.

L. Mas essa e a perspectiva de vocês?

S. Essa e a nossa perspectiva. A mídia como uma dimensão que atravessa a constituição de conhecimento e não como uma ferramenta que ilustra a aula apenas.

L. E ai esse material que vai sair, fala disso.

S. Fala disso. Porque não tem nada escrito assim em termos de documento oficial. A gente tem produções daqui, apostilas de curso que a gente faz, coletâneas de textos, que a gente trabalha muito juntando especialistas na área e recomendação de bibliografia. A gente vai muito por ai porque não tem uma, uma produção institucional nessa área. Essa vai ser a primeira praticamente, além da Multieducacao que sinaliza isso naquela época de 96. Ela fala da escola sintonizada com o mundo atual, tem que ta incorporando essas diferentes linguagens, o jornal, o radio, a televisão tem que ta dentro da escola, mas muito assim nessa perspectiva da aproximação, mas nada muito consistente em termos teóricos.

Ate porque e difícil, ne, a gente ainda tem uma... a gente tem muitos referenciais, e a gente aqui, que que a gente fez? A gente adotou alguns, a gente assumiu alguns pressupostos pra gente que servem pra hoje. Pode ser que daqui a 5 anos já sejam outros. Mas a gente ta focado nessa coisa, não e um estudo que ta ligado apenas a recepção, nem só estudo da produção.

A gente ta muito em cima da questão da mediação, do Barbero como eixo, enfim, ai pega a analise do discurso, Bakhtin, ai atravessa isso tudo, faz um grande emaranhado e começa a discutir assim: então o que que seria uma pratica mídia-educativa? Entendeu? Então, e isso que a gente ta procurando construir com eles agora. Ai, desse livro que ta saindo, esses aqui (mostra alguns) e que a gente vai lançar a primeira serie com a base conceitual. Vai ser um livrinho assim, mais ou menos fininho assim, com 30 paginas, 25 paginas cada um, esses são menores porque são os primeiros. E ai tem a base conceitual, que são duas series. Vai sair uma serie chamada “Temas e Debates” que são sobre todos os assuntos e uma outra serie que e “A Multieducacao na sala de aula” que ai tem a parte pratica mais enfatizada. Os dois são teoria e pratica, mas um com ênfase na teoria e o outro com ênfase na pratica. Ai, esse da pratica que provavelmente a gente vai ta trabalhando esse ano com os professores, que a gente construiu junto com eles e ai a gente deve ta publicando no ano que vem.

L. Então esse material foi feito de uma forma coletiva?

S. Com os professores. Todos eles. No nosso caso, a gente fez junto com GT. A gente tem um GT permanente. Chama GT mídia. Reúne os professores de sala de leitura Pólo, mais o representante da coordenadoria regional, mais um professor de SL satélite indicado por cada pólo. A gente formou 2 grupos de 30 pessoas, 35 pessoas que se reúnem quase mensalmente. Ai, a gente discute o trabalho da gente, fala o que que vai fazer, o que que não vai, pega sugestões, troca experiências e ai começa a consolidar essa discussão num material escrito que vai dar conta disso aqui.

L. E a participação dos professores n GT e obrigatória?

S. Não. Ela e, ela e um obrigatório voluntário (risos)

L. Como assim?

S. (Risos). Vamos dizer assim: a gente tem uma estrutura de trabalho. Então, quando ele assume a função, ele assume as atribuições da função. Uma das atribuições e participar das reuniões mensais. Antes da gente chegar aqui se chamava reunião mensal de SL. A gente e que botou esse nome de GT porque a gente queria que a reunião se transformasse num grupo realmente de trabalho. Arregaçar a manga e escrever, discutir e dar sugestões, porque elas vinham pra reunião só pra receber informe basicamente, sabe? “dia tal tem curso tal, dia tal tem oficina tal...” Ai, ela ia lá e passava isso pras outras. – “Olha, dia tal tem curso tal”. E agora não. A gente discute aqui, olha – O que que e mídia? Vamos, oh! Tem esse texto? Que que vocês acharam desse texto? Ai elas vão, discutem com elas lá o texto e trazem e ai a gente discute com todo mundo. Então, e um trabalho muito mais pesado, mas de mais consistência. Então, elas sabem que isso faz parte do trabalho e elas querem porque e uma via de, também, de aprimoramento pra elas, e um espaço de troca muito importante. Então, todo mundo aprende com todo mundo. E ai, faz parte então, na verdade elas ate perguntam quando e que vai começar? Já começou, já teve a primeira reunião? Então ai a gente abre e já vira uma rotina se reunir todo mês.

Mais uma vez somos interrompidas. Alguém vem dar um recado.

S. Ai, quer dizer, e uma reunião que e... e parte do trabalho. Sem essa reunião elas não tem nem o material, o instrumental pra fazer a reunião delas lá. E aonde elas recebem a orientação pra fazer o trabalho de multiplicação da Rede.

L. Pelas outras salas de leitura...

S. Pelas outras salas de leitura. Então, já e incorporado como uma coisa natural. Agora não e obrigado. O que a gente pede e o seguinte: que cada escola mande, tem 5, manda uma , de preferência cada ano ser uma pessoa diferente pra não ficar sempre a mesma, ter um rodízio. Então elas fazem geralmente esse rodízio e sempre ta junto com as outras. Quer dizer: cada CRE tem 2 pólos no mínimo ou 4 no maximo. Então a gente sempre orienta que estejam as 4 juntas nessa reunião, que não venha uma num dia e outra no outro, dois dias separados, ne? Porque são 70 pessoas, você tem que dividir em 2 grupos, e a gente pede que aquela CRE fique toda num grupo só. Ou no dia tal ou no dia tal. E ai assim a gente vai trabalhando.

L. E isso tem acontecido?

S. Isso tem acontecido religiosamente desde 2001.

Desde que a gente ta aqui, uma reunião por mês. Sempre. A gente nunca deixa de fazer.

L. E agora a gente vai ver o resultado no livrinho?

S. No livrinho, o livrinho ta lindo. O primeiro ta... eu sou suspeita pra falar.

L. E...

S. Mas você vai ver, eu vou te mostrar e você vai ver...

Deixa eu atender aqui...

Mais uma vez fomos interrompidas, e dessa vez tivemos que parar.